

Rafaela Donadio Xavier

**Ação cultural dialógica em projetos de origem popular:
análise dos casos Cooperifa e Agência PapaGoiaba**

CELACC/ECA-USP

2013

Rafaela Donadio Xavier

**Ação cultural dialógica em projetos de origem popular:
análise dos casos Cooperifa e Agência PapaGoiaba**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura, produzido sob a orientação do Prof. Dennis de Oliveira.

CELACC/ECA-USP

2013

“Se a palavra liberta, então somos livres!”

Sergio Vaz

Agradecimentos

Agradeço ao orientador Dennis Oliveira que deu o direcionamento necessário e fundamental para a produção deste artigo. Aos projetos *Cooperifa* e *PapaGoiaba* pela receptividade e inspiração. À turma do curso Mídia, Informação e Cultura do CELACC que fez da jornada do saber um encontro prazeroso de descobertas e discussões. Finalmente agradeço à família e amigos presentes em todos os momentos importantes de minha vida.

Ação cultural dialógica em projetos de origem popular: análise dos casos Cooperifa e Agência PapaGoiaba

Rafaela Donadio¹

Resumo

O presente artigo tem como base o conceito de ação cultural dialógica, em Paulo Freire, e estuda as relações sociais estabelecidas em projetos de origem popular. Os objetos de estudo são a Agência PapaGoiaba e o movimento de resistência cultural Cooperifa. A análise foi realizada a partir dos conceitos da palavra, da dialogicidade e ação dialógica, utilizando a metodologia de observação participante e entrevistas semiestruturadas.

Palavras Chave: Ação cultural dialógica, Palavra, Dialogicidade, Popular.

Abstract

This article, based on dialogical cultural action in Paulo Freire's concept, analyze social relations in projects of popular origin. We selected the agency PapaGoiaba, and the Cooperifa, a well-known movement of cultural resistance, for our observation and study. The analysis was focused in three concepts: the word, the dialog, and dialogical's action, using the methodology of participant observation and semi-structured interviews.

Resumén

Este artículo se basa en el concepto de la acción cultural dialógica de Paulo Freire estudia las relaciones sociales en los proyectos de origen popular. Los objetos de estudio son los PapaGoiaba agencia y movimiento de resistencia cultural Cooperifa. El análisis se basa en los conceptos de la palabra de la acción de diálogo y dialógica. Utilizando la metodología de la observación participante y entrevistas semi-estructuradas.

¹ Rafaela Donadio é bacharela em Comunicação Social - habilitação Publicidade e Propaganda graduada pela Universidade São Judas Tadeu

SUMÁRIO

Introdução	7
1. A palavra	8
2. Dialogicidade	9
3. Ação cultural dialógica em Paulo Freire	11
4. Metodologia	12
4.1 Histórico da Agência PapaGoiaba	13
4.2 Histórico da Cooperifa	14
4.3 Observação participante da Agência PapaGoiaba	16
4.4 Observação participante da Cooperifa	17
5. Percepções das ações dialógicas	19
Considerações finais	22
Referências Bibliográficas	23

Introdução

Este artigo analisa a possibilidade de evidenciar a presença da ação cultural dialógica, de acordo com Paulo Freire, dentro de dois universos: o projeto de articulação social *PapaGoiaba* e o movimento de resistência cultural *Cooperifa – Cooperativa Cultural de Periferia*.

A metodologia escolhida foi a de *observação participante* realizada no dia 25/01/2013 no projeto PapaGoiaba e nos dias 06/03/2013 e 26/04/2013 na Cooperifa.

Por meio da discussão dos conceitos da *palavra*, em Bakhtin, e do *diálogo verdadeiro*, de Martin Buber, serão abordadas as atividades da Agência PapaGoiaba, que nasceu da necessidade de dar visibilidade aos projetos de sua cidade São Gonçalo impactando seu território e da Cooperativa que surgiu para dar espaço às manifestações culturais e a palavra na periferia.

A união, colaboração, organização e síntese cultural, que caracterizam a ação dialógica, serão analisadas nas relações estabelecidas entre os integrantes dos dois projetos. Que se assemelham em sua origem popular, e protagonismo exercido por seus membros, por meio da pronúncia de mundo realizada pela práxis, palavra verdadeira que transforma e liberta os sujeitos.

Além da observação participante foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o líder e idealizador da Agência PapaGoiaba, Romário Régis, e Edmauro Teixeira, músico e integrante do projeto Cooperifa.

O artigo discute como nestes projetos de cultura popular acontece a ação dialógica entre seus membros e também aponta suas características.

1 A Palavra

Em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, o autor Paulo Freire expõe seu método baseado na educação dialógica, contrapondo-se à pedagogia da classe dominante, Freire ressalta a importância de aprender a dizer a sua palavra, palavra verdadeira que liberta a partir da pronúncia e visão crítica de mundo.

Para o entendimento da pronúncia de mundo por meio da expressão da palavra verdadeira, é preciso um olhar para a palavra. Percebê-la como signo, e como todo signo, perceber as suas características ideológicas.

Segundo Bakhtin, “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos.” (2006, p.30). Desse modo, para entendê-los e constituí-los é preciso que dois ou mais indivíduos estejam socialmente organizados.

“Signos, nos acontecem sem cessar, viver significa ser alvo da palavra dirigida. Aquilo que me acontece é palavra dirigida”. (Buber, 2009, p.43). O ser humano está imerso em um mundo de signos que, por sua vez, carregam ideologia, transmitida por meio da palavra. A palavra refrata a realidade à sua maneira.

Portanto, sendo a palavra, um elemento ideológico, ela carrega em si a ideologia de quem a pronuncia. Nesse contexto evidencia-se a importância do indivíduo aprender a dizer a sua palavra, e não somente repetir a que lhe é dirigida ou depositada.

É por meio da pronúncia de mundo, que se pode pensá-lo criticamente. O pensar vem de produzir a sua palavra, sem a ela permitir interferências. A partir da palavra, a consciência adquire forma. Quanto mais crítica for a consciência e visão de mundo, maior é a libertação por parte do indivíduo, e possível libertação do sistema ideológico, que muitas vezes oprime e aprisiona o ser, impedindo-o de pensar e falar a sua verdade.

A palavra apresenta-se como componente essencial das relações, por isso será sempre indicadora de transformações e mudanças sociais como afirma Bakhtin.

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidos por trás de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de enquadrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as

fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (Bakhtin, 2006, p.40)

A fala pode ser considerada o motor das transformações sociais, e a palavra, um território de conflitos, no qual as diversas classes de um sistema disputam valores contraditórios. Na comunicação implica as relações de dominação e resistência, utilização da língua pela classe dominante para permanecer no poder, e do povo oprimido para resistir.

A respeito da pronúncia da palavra pelos oprimidos, aqueles sujeitos à ideologia pedagógica das classes dominantes, Freire dedica seu estudo e encontra na dialogicidade, um caminho para libertação e humanização do homem. Para o autor, o que diferencia o ser humano dos animais é a consciência e o poder de criar e recriar o mundo, se tal condição é negada ao homem, também lhe é negada sua humanidade. Tornando o homem, assim, objeto e não sujeito de sua própria história.

2 Dialogicidade

O dialógico não se trata de um privilégio dos intelectuais, ele não se inicia em um andar superior da humanidade. Não existem dotados e não dotados, somente aqueles que se permitem ou não. E há aqueles que não encontraram, não sabem que existe algo dentro de si, mas que poderão, ao encontrá-lo, surpreenderem-se. (Buber, 2009, p.71)

Na concepção de Buber, apenas quando o sujeito passa a ter uma relação essencial com o outro, de forma que ele não é mais um fenômeno do meu Eu, mas é o meu Tu, somente então se experimenta a realidade de falar com alguém. Para Buber, não é possível que a relação humana seja estabelecida pela omissão de mundo por parte do indivíduo.

Dialógico consiste em ouvir a palavra do outro, sem interferências, respeitando o que é dito, ao mesmo tempo, em que responde verdadeiramente, de forma a expressar o que há de mais profundo em seu ser. Para o dialógico, o que importa é ser “todo ouvidos” à situação da comunicação, tal qual ela se oferece, de modo que não somente se ouça, mas também que possa respondê-la com sua essência.

A busca pela verdade do indivíduo, muitas vezes, resulta na quebra dos laços ideológicos do seu modo de ser, transformando-se à medida que vai se descobrindo e desvelando sua realidade.

Encontrar a palavra verdadeira é uma questão fundamental para o dialógico. O homem encontra a verdade de forma verdadeira, quando passa pela sua prova, quando ele a produz na

ação, a verdade está vinculada à responsabilidade do indivíduo. “Para tal é preciso pessoas que não sejam coletivizadas, e uma verdade que não seja politizada”. (Buber, 2006, p132).

O dialógico exige do indivíduo que ele se apresente autenticamente para o diálogo, sem apegar-se aos valores da aparência e sim os da sua existência. Muitos se preocupam com o que os outros irão pensar ou esperam e se apegam no parecer e não no ser. Um diálogo verdadeiro depende da mutualidade e da entrega autêntica dos indivíduos, bem como da percepção e aceitação dessa entrega.

“Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.” (Freire, 2011, p.111) Na concepção de Paulo Freire, “não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens”. O amor é compromisso com os homens e comprometer-se com sua causa.

“Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?” (Freire, 2011, p.111). Não é possível um diálogo por parte daqueles que acreditam serem detentores da verdade e do saber, e que partem da concepção de uma pronúncia de mundo realizada por homens seletos sem a participação das massas. De alguma forma, não há diálogo sem a humildade.

[...] Os homens que não têm humildade ou a perdem não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia de mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão buscam saber mais. (Freire, 1968, p.112)

O autor ainda contempla a tese de que não há, também, diálogo *sem a fé nos homens*, pois sem esta o diálogo seria uma farsa. Assim, a partir dessa fé, humildade e amor constitui-se a confiança entre os sujeitos dialógicos.

Não existe diálogo verdadeiro sem o *pensar crítico*, uma forma de pensamento que perceba a realidade como um processo. Um processo em constante transformação, e não de acomodação. Sem o pensar crítico não há comunicação e sem ela não há verdadeira educação.

Assim, Freire define a educação como essência da prática da liberdade, a educação dialógica, por sua vez, libertadora que problematiza. Sob as dimensões de ação e reflexão, a práxis é a palavra verdadeira e por meio dela transforma-se o mundo.

3 Ação cultural dialógica em Paulo Freire

Ao definir a educação dialógica como essência para a prática da liberdade, Freire faz uma crítica à educação bancária, aquela que não dialoga com o educando, meramente transformando-o em vasilhas vazias na qual se deposita o conhecimento. Substitui-se o ato de comunicar pelo de depositar, o educando apenas recebe e memoriza a informação sem a ele ser oferecido sua pronúncia de mundo, como o pensamento crítico e a reflexão.

No caminho contrário da educação bancária, o que temos é a educação problematizadora, que tem como objetivo: libertar. Enquanto a primeira atua na transferência de conhecimento, a outra trabalha o ato de conhecer de forma conjunta, com uma troca sem hierarquias, onde educando e educador revezam-se em seu processo de aprendizado.

Diante desse cenário é evidente que a pedagogia dominante não desvelará a condição opressora que a mantém no poder para o oprimido. O estudo da educação dialógica desenvolvido por Freire pretende, então, alertar “humanistas para o fato de que eles não podem, na busca da libertação, servir-se da concepção bancária sob pena de contradizerem-se em sua busca”. (Freire, 2011, p.120)

A reflexão é fundamental para a ação - a verdadeira reflexão leva à ação e a ação sem a reflexão é mero ativismo. Nesse contexto se encontra a importância das duas concepções caminharem juntas na busca da libertação dos oprimidos.

Um grande número de pessoas teme a liberdade, devido a uma cultura de dominação. Enraizada, de forma inconsciente, pois o oprimido muitas vezes trata-se de um ser dual, hospedeiro de seu opressor e carrega em si a ideologia dominante. Para romper deveriam ser reeducados pela revolução. Uma revolução cultural instaurada a partir da ação cultural dialógica.

Essa revolução consiste no poder, o novo poder de conscientizar e assim transformar a sociedade. Consciência que contribui para a formação do homem, que passa a ser protagonista de sua história. Freire enfatiza que se deve trabalhar a ação dialógica por meio da cultura, ação que em suas características principais: a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural.

Na teoria dialógica não existe a dominação, nenhum ser é conquistado. O que existe são seres que se encontram para a pronúncia de mundo e em colaboração buscam a transformação. Colaboração, esta, que só é possível de ser realizada por meio da comunicação.

Enquanto a ação antidialógica prega a divisão para manutenção do poder, a ação dialógica caracteriza-se pela união dos oprimidos, a comunhão se faz presente nas relações. Se uma utiliza a ideologia da opressão, dividindo não somente as massas, mas também os indivíduos temerosos à liberdade. A outra se opõe por meio de uma ação cultural com objetivo de “desideologizar”, com o propósito de desmistificar a realidade e levá-los a conhecer os porquês.

A organização das massas toma o lugar da manipulação, ainda assim se faz necessária uma liderança. Porém, um novo tipo de liderança, uma liderança revolucionária, que ao se desenvolver por meio da prática do diálogo permanente com o povo, recebe a adesão e a empatia das massas. Salientando que, liderar não é apropriar das massas populares, pois não cabe ao líder comandar o povo para sua libertação, este líder deve conseguir adesão para a causa. Em um processo revolucionário que não é realizado *para* o povo e sim *com* o povo.

Por fim, temos a síntese cultural, que não possui caráter invasor, pois promove o conhecimento mútuo, onde não existem sujeitos passivos, mas sim sujeitos que se integram e interagem a fim de promover uma transformação dinâmica. Com propósito de união, organização e liberdade, a síntese cultural é o oposto da invasão cultural percebida nas ações antidialógicas - o ser não é invadido culturalmente, nem dominado, muito menos mantém-se acomodado.

“Toda ação cultural é sempre uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, ora no sentido de mantê-la como está, ora no de transformá-la.” (Freire, 2011, p.245). A ação cultural dialógica não objetiva interromper a situação dialética *permanência-mudança*, que caracteriza a estrutura social. Mas sim, pretende superar as contradições antagônicas que levem à libertação dos homens.

A ação cultural dialógica, enfim, reside em um ato de libertação humana, por meio da consciência crítica, pronúncia de mundo e diálogo verdadeiro. Esse processo ocorre no campo da cultura, como Freire afirma que é onde ocorre toda revolução, é, portanto, uma revolução cultural. Disto, conclui-se que todo processo de mudança é também um processo de transformação cultural.

4 Metodologia

A metodologia empregada, neste artigo, constitui-se da observação participante, realizada durante visita aos projetos e em entrevistas semiestruturadas com Romário Régis,

líder e idealizador da agência PapaGoiaba, e, Edmauro Teixeira, um dos membros participantes da Cooperifa. Além de estudo de artigo “Literatura Marginal: representação da linguagem e re (significação do imaginário coletivo, de Waldilene Silva Miranda, para o Simpósio do PPG Letras Estudos Literários sobre o projeto Cooperifa).

A entrevista com Romário Régis foi realizada, em um primeiro momento, por meio de troca de *e-mail*, no dia 16/04/2013, e por contato telefônico, no dia 26/04/2013. No dia 24/04, ao término do Sarau da Cooperifa, foi entrevistado Edmauro (Cocão), músico e membro da Cooperativa.

Antes de apresentar o trabalho de campo, far-se-á um breve histórico dos dois projetos.

4.1 Histórico da Agência PapaGoiaba

A Agência PapaGoiaba surgiu há aproximadamente 2 anos e meio, a partir de uma contestação sobre a falta de projetos sociais no município de São Gonçalo. O grupo que antes se dedicava à realização de debates sobre a cultura digital, e sempre esbarrava na questão de produção de *blogs*, despertou para a necessidade de uma nova experiência que conferisse mais visibilidade para os projetos da Capital fluminense.

Em um primeiro momento, instaurou-se como veículo de comunicação, uma agência de rede social voltada à produção de conteúdo, compreendendo que a cultura digital poderia ser mais ampla, além de disparadora de ações e impactar diferentes públicos. No início do grupo, a concentração de apenas pessoas da área de comunicação foi uma dificuldade para o projeto, porém houve uma evolução considerável a partir do momento em que foram convidadas a participar do grupo, pessoas envolvidas com teatro, dança, dentre outras áreas, e isso, somou à equipe em termos de qualidade.

Em um segundo momento, a Agência foi além da produção de conteúdo para o suporte aos projetos locais, tendo como critério para suporte, os projetos que estavam começando ou que necessitavam de uma base estruturadora. Atualmente, a Agência expandiu suas ações, realiza projetos de comunicação, estudos de caso e prepara projetos para implantação, classificando-se como uma gestora de oportunidades e incubadora de projetos.

O trabalho desenvolvido na PapaGoiaba é realizado por voluntários que não são remunerados pelo serviço, porém não é somente o desejo solidário que move esses jovens na execução do projeto – para eles o que fala mais alto é o desejo de agir. A Agência atua como

intermediadora entre pessoas que buscam ensinar ou aprender, entre aquelas que idealizam projetos e outras que ajudam a executá-los. As ações são diversas, porém todas com o objetivo de impactar o território leste fluminense.

O projeto conta com o envolvimento de 60 jovens revezando-se em diferentes graus de participação. A metodologia consiste em formulários de inscrição presentes no site da agência, onde o voluntário candidata-se para fazer parte da equipe, informando suas habilidades e experiências pessoais, e assim, formando um banco de dados de voluntários. Um segundo formulário também é preenchido, nesse o candidato deve fornecer informações sobre o que pode oferecer e qual o tipo de ação que gostaria de realizar, ou ainda, se possui interesse em algum projeto incubado já existente. Nesse momento, os dados do banco de dados são cruzados, de forma a conectar as pessoas para que juntas possam pensar e executar as ações e trocar conhecimentos.

Por incubar ideias e ações de pessoas diferentes, o projeto tem como postura não padronizar seu posicionamento político. Cada integrante tem autonomia para posicionar-se e pronunciar-se sobre as mais variadas questões. No site da Agência, por exemplo, é possível visualizar um texto sobre a questão das cotas raciais, entre outros assuntos de discussões relevantes. A Agência acredita que o seu papel é o de dar visibilidade e espaço aos sujeitos para a discussão de temas da sociedade.

O projeto não pretende exercer influência em seus participantes, uma de suas afirmações é que ele busca uma relação do individual para o coletivo, não do coletivo para o individual. A Agência quer se destacar como um ponto de encontro de diversidade dos sujeitos da cidade.

Em 2013 uma conquista importante do grupo foi a inauguração do Centro Comunitário de São Gonçalo, idealizada pela equipe da Agência, que visa atender uma necessidade antiga da região. A criação de um espaço aberto ao público, pronto para receber projetos em sintonia com a juventude, organizado em uma sede não delimitada às ações de um grupo fechado, a intenção é estar aberto para atender a comunidade local e promover encontros.

4.2 Histórico da Cooperifa

A Cooperifa nasceu no galpão de uma fábrica na BR-116, em Taboão da Serra, no ano de 2001. Um espaço no qual os artistas da periferia poderiam divulgar seu trabalho por meio

de um evento multicultural, que reunisse as mais diversas expressões artísticas como a música, a poesia e o teatro.

A ideia era suprir a falta de espaços culturais, com objetivo de construir uma cultura que identificasse e representasse a periferia. Surgiu da parceria entre o poeta Sergio Vaz e Marco Pezão, durante uma conversa ao fim da “Quinta Maldita”, um encontro entre amigos poetas para recitar poesia e discutir cultura, realizado às quintas-feiras. Ao término dessa reunião, os dois perceberam a necessidade de criar um espaço onde poetas pudessem compartilhar da palavra, assim, criaram o Sarau da Cooperifa, que é realizado às quartas-feiras.

“Movimento dos sem palco, um local onde pessoas de vários lugares com objetivos comuns pudessem partilhar do milagre da poesia” (Vaz, 2008, p.117). O primeiro Sarau aconteceu no Bar do “Garajão”, e por ali, permaneceu por um ano e meio. Pouco a pouco o Sarau foi ganhando público. Vaz atribui a realização dos saraus em um bar devido à falta de espaços culturais, como bibliotecas, teatros ou museus; segundo ele, os bares são os locais que a periferia tem para receber as pessoas.

Com a venda do Garajão, em 2003, o Sarau mudou-se para o bar do “Zé Batidão”, no bairro Jardim São Luís, zona sul de São Paulo, e lá permanece até hoje. O Sarau que começou com a presença de 17 pessoas, hoje recebe centenas de todas as pessoas, dos mais variados públicos, idades e lugares.

Além do Sarau, a Cooperifa promove ações significativas como a “Semana de Arte Moderna da Periferia”, a “Chuva de Livros”, o “Ajoelhaço”, evento realizado após o sarau em homenagem ao Dia da Mulher, onde homens de joelhos pedem perdão por seus atos, além do e o “Poesia no ar”, onde balões com poesia são espalhados nas ruas ao término do Sarau.

Com a solidificação do projeto, a Cooperifa é um movimento de resistência cultural feito pela periferia e para periferia, que promove mudanças e desperta olhares não somente na periferia, mas para além dela. A cooperativa é destaque no meio acadêmico e em meios de comunicação, tornando-se referência no cenário de produção cultural do país. O espaço é também utilizado para o lançamento de livros e álbuns dos artistas que por lá circulam.

Uma recente conquista em 2013 é o fato de Sergio Vaz ter sido convidado para apresentar o “Encontros Poéticos”, iniciativa realizada pelo Itaú Cultural, em São Paulo, que tem por objetivo valorizar a palavra e a poesia, convidando para encontros entre a população e poetas, músicos, produtores e artistas em geral.

4.3 Observação participante da agência PapaGoiaba

No dia 25/01/2013, aconteceu a observação participante com a agência PapaGoiaba, no município de São Gonçalo, por ocasião da agência de publicidade Dharma estar gravando um vídeo com Romário Régis, líder do grupo além de outros membros da equipe. A Agência encontrava-se em um momento de transição, onde a estudante de 16 anos, Ana Angel, estava cogitada a assumir a coordenação da Agência. Aos 23 anos, Romário assumiria um cargo na secretaria de cultura de seu município e já se intitulava “velho” para a coordenação do projeto: “é preciso dar uma cara nova para o projeto, as pessoas de São Gonçalo já estão cansadas de me ver”, afirmou o atual coordenador. Ao ser questionado sobre a liderança e a transição respondeu que “liderança é aquela que cria outras lideranças, pois a cada passo dado é importante que alguma outra pessoa possa ter o domínio para dar continuidade”.

O primeiro encontro e vídeo foram realizados em uma praça, pois uma das características do projeto é apropriar-se do espaço público e nele pensar a cidade, espaço de reflexões e ações para o território leste fluminense.

O grupo presente era de jovens descontraídos que discursam sobre assuntos como cultura, violência, transporte público, gestão de governo, entre outros temas. Todos os presentes analisavam os temas com pontos de vista críticos, percebendo-se certa dose de humor daqueles jovens. A proposta deles é a de transformar o território, e nos comentários feitos pelos jovens, não se percebe nenhum tom de lamentação, mas sim uma habilidade em fazer piadas de si mesmo e das condições que reivindicavam e propunham melhorias.

Diante deste cenário já foi possível notar a equipe da PapaGoiaba, com um perfil de consciência crítica, em que percebem a realidade na qual estão inseridos como um processo e não se encontram acomodados. Buscando por transformação por meio da realização dos mais variados projetos incubados pela Agência. Mostram-se como jovens em movimento e experimentam atividades em áreas diversas como fotografia, beleza e comunicação. Como Romário afirma “você pode ser o que quiser basta tentar, quer ser fotógrafo? Então vai experimentar ser fotógrafo”.

Em um segundo momento, a Agência apresentou o local onde seria inaugurado o Centro Comunitário de São Gonçalo, espaço de encontro entre os jovens da Agência com outros articuladores locais. A conquista do espaço veio do esforço coletivo desde a busca de um imóvel com um valor de aluguel acessível até a conquista de parcerias e colaboradores que contribuíssem com as despesas.

A relação que se percebe entre os membros é de união, o convívio dado pelas ações dos projetos executados proporciona uma comunhão entre a equipe. Apesar das lideranças que ali se estabelecem a relação é de igualdade. Um marco deste fato é a presença de jovens em funções específicas, que encaram os desafios com naturalidade e grandes ambições. Ana Angel, por exemplo, ao ser questionada sobre seu objetivo dentro da coordenação da agência, respondeu sem hesitar “transformar a PapaGoiaba na maior agência de ativismo do Brasil.”

Ao término da visita todos os presentes, membros ou não da agência estavam bem integrados e interagindo bastante. Vale lembrar que todos foram muito bem recebidos, a Agência é muito receptiva e parte de uma concepção de somar ideias, troca de conhecimento, tudo que venha a fortalecer a estrutura do projeto deles ou de outros projetos.

A observação de campo possibilitou perceber como se dão as relações entre alguns dos integrantes da agência, constatando elementos da ação dialógica como a comunhão e a colaboração entre os envolvidos na ação. Com a presença de uma liderança que conduz, sem manipular. Com a ausência de hierarquias, o diálogo é estabelecido, na Agência encontra-se um espaço para falar, ouvir e trocar ideias.

4.4 Observação Participante na Cooperifa

A observação participante ocorreu em dois dias, nos dias 06/03/2013 e 26/04/2013, durante as visitas ao Sarau. Durante a primeira visita, em uma data especial, a semana do Dia Internacional da Mulher, ocorreu o já consagrado “Ajoelhaço”, momento de redenção em que todos os homens presentes ajoelham-se e pedem perdão às mulheres, ao término do Sarau.

Sergio Vaz, anfitrião da noite, como de costume saúda o público presente: “Povo lindo, povo inteligente! É tudo nosso!” Vaz lembra também da importância da noite, que mais do que um ato, o “Ajoelhaço” é um compromisso. Aqueles que se ajoelham assumem o compromisso de respeito para com as mulheres. “Se soubermos de alguém que se ajoelhou aqui e bateu na mulher, a Cooperifa vai cobrar”, brinca.

Os poetas estavam inspirados, muitos declamaram poesias em homenagem às mulheres e elas tiveram prioridade para declamar seus poemas. O bar estava cheio, a rua também, cerca de trezentas pessoas estavam presentes.

Em um dado momento, uma homenagem foi prestada pelos poetas participantes, primeiramente declamou-se um trecho da música Amélia, depois homens espalhados pelo Sarau fizeram uma leitura da canção *Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque. Ao término disto,

as mulheres da Cooperifa leram um texto escrito por elas falando sobre não existirem mais “Amélias” e “Genis”, e a evolução das conquistas femininas ao longo dos anos.

O momento foi de grande comoção, as mulheres organizadoras da leitura, ao final continham suas lágrimas. Ao término do Sarau, rapidamente, as mesas e cadeiras foram retiradas para que o espaço estivesse livre e todos os homens ali se ajoelhassem, as mulheres para um lado. Os homens pouco a pouco se ajoelhavam e então foram repetindo as palavras que um dos membros proclamava ao microfone com frases que diziam: “tão duro às vezes é o nosso coração. Já magoamos, já iludimos, já desrespeitamos, já violentamos, já humilhamos. Mas hoje ajoelhados aqui estamos humildemente pedindo perdão, perdão, perdão!”

As mulheres aplaudiam e os homens faziam festa, foi um momento significativo para todos os presentes. Muitos registraram o momento em fotos e gravações, entre eles o jornalista Xico Sá, que durante o Sarau fez uma intervenção dizendo que não estava lá para falar e sim escutar, posteriormente foi possível ver o registro das imagens no “TV Folha UOL Cultura” e um texto de Xico Sá falando sobre o evento que chamou de “uma experiência que deveria fazer parte do currículo da escola dos machos”.

Na segunda visita, Sergio Vaz recebe a todos como de costume, abre o sarau com a animada chamada “povo lindo, povo inteligente”, e retoma: “o Sarau da Cooperifa é um movimento de resistência cultural feito pela periferia para a periferia, aqui todos são bem-vindos, só avisamos uma coisa o silêncio é uma prece”. “Que você possa nos ensinar uma coisa, que a Cooperifa possa lhe ensinar alguma coisa, porque é uma simbiose, é uma troca”, concluiu.

Vaz agradece a presença da Escola Ana Silveira, uma escola da região que esteve presente com alguns de seus professores e alunos adolescentes, convidados por Lu Souza, professora e integrante do movimento, que afirmou “aqui é extensão da escola, a gente aprende bastante aqui”.

Antes de dar início Dona Edith, frequentadora assídua do evento, quis parabenizar a todos pela realização do evento “Poesia no ar”, que acontecera na semana anterior e que segundo ela foi um “estouro”.

Vaz anuncia que naquela noite será o lançamento do livro de Ni Brisant, e pede que os presentes prestigiem o autor comprando seu livro, lembrando que é preciso fortalecer os artistas de lá, e de como são um “movimento independente de rebeldia”.

O bar ali é um espaço de todos e o microfone também, senhores mais velhos e queridos pelos presentes vão ali para declamar, assim como uma criança tem seu primeiro momento de declamar poesia em público.

Muitos versos são declamados, destacando os que são de posicionamento crítico e contestador da realidade, entre eles o poeta, Jairo Periafricana, falava sobre corrupção: “Descanse sua caneta, cansei de ser roubado, vocês é que são do crime organizado”.

A jovem Jéssica Lazare também contestava: “Será que está tudo acabado, ou só agora estamos enxergando a realidade”, e pede paz para periferia. Um rapper canta “a desinformação é uma máquina de destruição em massa, o medo, o ódio e o racismo é [sic] uma máquina de destruição em massa”.

Um dos últimos a declamar, Ni Brisant, que estava para o lançamento de seu livro, proferiu algumas palavras, sobre a Cooperifa ser uma “zona autônoma de poesia e de paz”. “Esses não são dias de paz. Isto é uma contestação”. “Aqui é onde a gente se arma contra essa guerra”, afirmou.

5. Percepção das ações dialógicas

A partir dos conceitos teóricos explorados neste artigo, as relações estabelecidas pelos projetos serão investigadas, diante da perspectiva de evidenciar uma ação cultural dialógica.

A Cooperifa e a Agência PapaGoiaba possuem algumas similaridades, sendo ambas de origem popular, e nasceram de uma necessidade do território, enquanto uma foi criada como espaço cultural para dar voz à periferia e criar uma cultura de identificação e representatividade, a outra surge para dar visibilidade aos jovens e projetos locais que pensam e agem na cidade, gerando oportunidade de realizações e compartilhando informações e ideias.

Na Cooperifa, local onde se compartilha da palavra, é possível observar que a emancipação acontece por meio dela. Pessoas se encontram para ler seus escritos, falam do cotidiano e sentimentos, expressam a realidade e as necessidades da periferia, valendo-se de versos e músicas. A palavra como signo ideológico representa a voz da periferia, uma voz diferente das pronunciadas pelos jornais ou pela classe dominante. A realidade ali é desvelada por versos, pelo pensamento crítico, pela pronúncia de mundo que fazem dos que estão presentes: sujeitos de sua própria história.

Para o líder da Agência PapaGoiaba; “o jovem de favela, precisa criar sua própria narrativa. Legitimar suas gírias e suas formas de expressão”. A Agência que nasce de um novo cenário de propagação da cultura digital, obtém na rede uma ferramenta ampla de comunicação de reflexões e ações por parte dos jovens que integram o projeto. A individualidade é preservada, o projeto atribui a união do diferente como fórmula para dar certo, a questão “é do individual para o coletivo e não do coletivo para o individual”.

Busca sujeitos que contribuam com a sua palavra, sua essência e não se deixem ser coletivizados. Por abrigar grupos distintos, na Agência é possível encontrar projetos conservadores e outros liberais, a questão evidenciada é a de que todos eles possam ganhar visibilidade e ampliar as discussões e ações, que resultem em impactos no território.

Ambos os projetos caracterizam-se pelo encontro e pela troca de saberes que proporcionam aos seus membros - a possibilidade de realização. Um espaço para reflexão que resulta em ação e que promove mudanças. Assim, caracterizando a práxis, *palavra verdadeira que transforma o mundo*, como definiu Paulo Freire.

A prática do diálogo é um marco dos dois projetos, porém para a Agência PapaGoiaba, os membros atuantes ainda reconhecem ser um ponto a ser melhorado, não pela falta da prática do ouvir e falar, mas pela concentração de muitos membros jovens de rotinas distintas, tornando-se difícil a reunião de todos em encontros específicos, o que dificulta a comunicação interna.

Na tomada de decisões e no gerenciamento de conflitos, ambos afirmam que a prática se define pela valorização do diálogo entre membros e lideranças. Para Romário, “só se tem conflito em discussão teórica e conceitual. Na ação, os conflitos são diluídos naturalmente, pois na ação o objeto é prático, objetivo, visual e não tem como teorizar”.

No Sarau da Cooperifa, Vaz afirma “o silêncio é uma prece, aqui a gente aprende a falar e a ouvir”. Rose Doria, integrante da Cooperifa, também diz “a gente está aqui há doze anos porque é diferente, então vamos fazer silêncio na hora que for pra silenciar e fazer barulho na hora que for pra aplaudir”. Uma prática da Cooperifa é a de ouvir as palavras dos poetas e aplaudi-los para saudá-los – em um ato de fazer barulho em reconhecimento aos versos proferidos.

O músico e poeta Edmauro, mais conhecido como Cocão, diz que a Cooperifa contém a sua essência, é sua identidade, seu DNA, sobre seus versos que escreve e declama durante os eventos, ele afirma conter a sua verdade, e que ela o liberta momentaneamente quando ele passa para o papel.

A Agência PapaGoiaba como espaço de jovens que se encontram para debater assuntos da cidade e pensar projetos de mobilização social, conta com a entrega desses jovens para o diálogo. Eles se apresentam levando suas percepções e compartilhando desejos de mudança. Para isso, precisam da necessidade dialógica, o respeito para ouvir seus colegas e levar a sua essência às conversas.

Por tratar-se de projetos independentes ambos contam com a colaboração entre os membros. Quando questionado sobre a motivação que leva Romário a estar na Agência, ele responde: “porque não sei fazer outra coisa, se não estar num projeto cuja ponta é a realização através de cooperação e colaboração”.

A união também é verificada nas relações dos grupos, o processo de viver em comunhão é percebido. Por isso é comum notar relatos que se referem à Cooperifa, por exemplo, como “é da minha família”. Na PapaGoiaba, as relações de amizade são possíveis de acontecer com o convívio na realização de ações e discussões, e a união faz-se necessária para que se concretizem os planos.

Na organização dos projetos destaca-se a liderança revolucionária, uma liderança que conduz, que não estipula hierarquias, conversa de “igual para igual” e está aberta ao diálogo. Não conquista nem domina apenas cativa, ao receber adesão dos membros por simpatia e admiração. Assim como observou Freire, a verdadeira liderança revolucionária lidera com a massa, e não para ela.

Nos projetos, existe a percepção da síntese cultural, opositora da invasão cultural, que está a serviço da dominação e manipulação. A Cooperifa ressalta em seu Sarau que é um local de todos: “aqui todos são bem vindos”. Enquanto a PapaGoiaba define-se como “o encontro do diferente” e acredita que é devido às diferenças que os resultados positivos alcançados.

As observações citadas levam a um conjunto de características que marcam a ação dialógica - ação que se estabelece no campo da cultura. Como Freire afirma que uma revolução, também é uma revolução cultural. No momento, as principais ações dos projetos podem ser resumidas da seguinte forma: a Cooperifa é referência em cultura popular e de resistência e a Agência PapaGoiaba ministra palestras sobre cultura digital.

Considerações Finais

A partir do estudo dos conceitos da palavra, da dialogicidade e da ação cultural dialógica em Paulo Freire, foi possível identificar nas relações sociais da agência de articulação social *PapaGoiaba*, do Rio de Janeiro, e na *Cooperativa Cultural de Periferia*, a presença desses elementos. Uma vez que a Agência, no campo da comunicação, oferece ao jovem a possibilidade de pronunciar a sua palavra, e ainda aproxima de outros jovens para que juntos possam exercer a práxis. E a Cooperativa criou-se da necessidade de um espaço para se comungar a palavra e criar uma cultura que identificasse e representasse a periferia.

Os projetos se originam do povo e suas necessidades encontram em uma liderança que se faz revolucionária, direcionamento para seguir, porém não são conquistados, sabem dos porquês que os levam a aderir à causa.

Como toda transformação também é dada na e pela cultura, o cenário que aqui se encontra é o cenário de ações e reflexões possibilitadas pela cultura digital na Agência PapaGoiaba, que faz das redes digitais, a vitrine para exposição de ideias, debates e trocas de contatos. Expande o alcance da palavra, porém sem deixar que as relações se estabeleçam somente no virtual, fazendo o convite para a ação concreta e deixa aberto o espaço para reflexão.

A Cooperifa aquece o cenário de cultura popular e de resistência - o alcance da palavra proferida pela periferia - transpõem as fronteiras territoriais e contribuem para o movimento chamado literatura marginal, ou como Vaz prefere afirmar “literatura de periferia”. Como muitos definem, é a voz é a vez da periferia e a palavra tem seu alcance e promove mudanças, despertando uma nova consciência e como Freire define: o novo poder.

As ações dos projetos despertam consciência crítica com base no diálogo sem hierarquias e na pronúncia da palavra. Destaca-se a união, a colaboração o reconhecimento mútuo entre os participantes. Possibilidade do ser de realizar-se como é, ao também preservar a sua essência, não os tornando sujeitos passivos de invasão cultural. Tais características definem a presença da ação cultural dialógica nas relações estabelecidas entre os sujeitos dos projetos investigados.

É percebida a transformação cultural que prepara o indivíduo para romper com a ideologia dominante e pronunciar sua própria palavra tornando-se sujeito de sua própria história.

Referências Bibliográficas

- 1 BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12ª Edição. São Paulo. Hucitec. 2006.
- 2 BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. 1ª Edição. São Paulo. Editora Perspectiva. 2009.
- 3 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50ª Edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011.
- 4 MIRANDA, Waldilene Silva. *Literatura Marginal: representação da linguagem e (re)significação do imaginário coletivo*. Simpósio Internacional PPG de Letras, Estudos Literários.
- 5 VAZ, Sergio. *Cooperifa: antropofagia periférica*. Rio de Janeiro. Aeroplano. 2008

Sites Consultados:

1 *SOBRE A PAPAGOIABA*. Disponível em:

<<http://agenciapapagoiaba.wordpress.com/sobre/sobre-a-papagoiaba/>>. Acesso em 15 de mar 2013.

2 *PRIMAVERA PERIFÉRICA*. Disponível em:

<<http://coleccionadordepedras2.blogspot.com.br/2013/02/primavera-periferica.html>>. Acesso em 01 de mar 2013.

